

# ANEXO

(BIOGRAFIA)

*Uma re-censão intertextual  
ou "parábolas de um (re)tirante  
semeando sentenças em quadras"*

Geraldo Moreira Prado

Rio de Janeiro  
outubro de 2005

*Do que hoje sei, tiro passadas valias?"*  
João Guimarães Rosa  
*Grande Sertão, Veredas*, p. 394.

Este texto em forma de memorial só tem dois parágrafos, porque a sua estrutura é uma analogia a uma ata de reunião qualquer, em particular as de parlamentares, onde todos falam simultaneamente e não concluem nada, mas tudo tem que ficar registrado. Portanto, o que vai ser escrito aqui é uma espécie da Purgatório e não serve como exemplo de modelo convencionado pela ciência e nem tampouco tem as mesmas características do samba *Tinha eu catorze anos de idade...*, **Figura: Parábola do Semeador**<sup>1</sup>

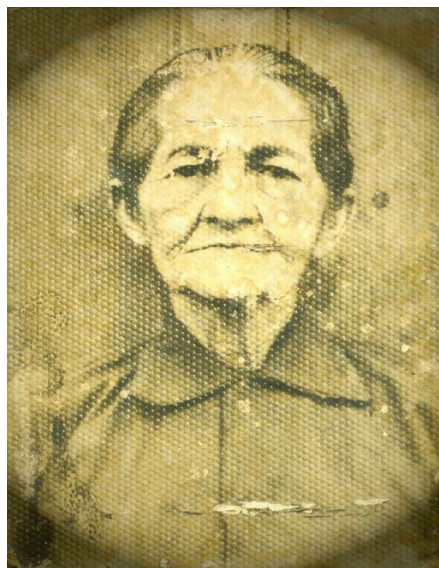


de Paulinho da Viola, no qual o filho queria ser sambista e o pai lhe aconselhava a ser doutor, *nessa terra de doutor*. No meu caso é o contrário, era eu quem sonhava em ser doutor nessa mesma terra de doutor, mas o meu pai — que só conhecia de doutor o seu amigo médico Dr. Luís Passos — dizia, e a minha mãe repetia, que doutor era só para ricos e que aquele meu sonho de querer ser doutor, era coisa de *gente besta*, pois o *doutor que o pobre é mesmo, é doutor pé-de-cama, é doutor urinol*. E o doutor que eu queria ser era igual ao doutor de Murilo Mendes que pedia para ver a esclerótica e dizer para o paciente que “(...) o diagnóstico, pelo menos, se salvou, é o principal”.<sup>2</sup> E esclerótica devia se salvar, por ser esta, segundo afirma a literatura técnico-medicinal, uma peça fundamental do aparelho humano, pois se trata da membrana branca e fibrosa que reveste os globos oculares, formando também a bainha externa de nervo óptico, compondo com a retina as radiações eletromagnéticas essenciais para a percepção verdadeira da vida material. Mas será que eu não estava inocente e iludido com a roupa branca do Dr. Luís

<sup>1</sup> Imagem que Vieira utilizava para representar o seu trabalho de pregador. Gravura de A. Wiwerk, ilustração da obra de Jerônimo Nadal, S.J. *Evangelicæ Historia Imagines Ex ordine Euangelio...*(Antuérpia, M. Nuncius, 1593). In: Oceano. Os significados das letras A, B, C, D, E, F que aparecem na figura, não estão explicados no texto do qual ela foi scaneada.

<sup>2</sup> Cf. MENDES, Murilo. *O Doutor*, 1994, p. 140.

Passos que parecia com a do Seu Chico Fulô nos dias que tocavam os tambores do seu terreiro de Candomblé lá pelo lado dos Olhos d'água? E tanto os meus pais quanto o imaginário pai do samba do Paulinho não estavam com a razão. E por assim ser, "*Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas*",<sup>3</sup> e esta que vai ser contada tem raízes imemoriais mas começa, de fato, na Fazenda Brejo Grande, cuja paisagem de um por de sol em uma tarde de dezembro é esta da foto ao lado<sup>4</sup>. Mas a narrativa deste memorial sobre uma realidade com momentos de alegria, tristeza e poesia começa, de fato, pela imaginação da minha falecida mãe numa carta escrita em *Paiaiá, município de Nova Soure, Bahia, 19 de abril de 1966* que assim dizia: *meu fio querido num intidi a sua adorada carta datada de 11 de malso que vonce mi dis qui tá tao contente*



*pruque entrou numatar de farcurdade pra istudá e prá ser dottor pra que serve isto si vonce vai ganhar dinheiro é bom mais se não vai ganhar num vale nada pruque eu num intendo nada disto e eu pensava qui istória se contava e num pricisava ser dottor pra si cuntar istoria mais istou felis pruque vance istá feliz*



*mais nun se meta cum este negocio de cumunismo qui o cumpadre juaquim mi disse qui parece qui vance ista si metendo nisto e ele me disse qui isto num é coisa boa e é coisa do diabo e assho mior vance sair disto e voutar pra rossa e num*

*isquessa du qui li dissi nu dia qui vance foi imbora e repito sempre quando li vejo cuando vance veim aqui ou li isncrevo estas palavras que li disse chorando quando vance saiu de casa naquela teussafeira dimanhan depois da truvuada dinoite qui a enchente levou as banaeira e as batata e cana e aipin do brejo pra ir imbora para são paulo i eu li dizia vai meu fio se vonce num incontrar trabaio e num si acostumar la pode voutar vance num precisa esperar*

<sup>3</sup> Cf. Manuel de Barros, Livro sobre NADA, p. 69.

<sup>4</sup> Foto de Geraldo Prado, máquina Olympus, 1º de janeiro de 1975.

*de muito pra mode viver aqui qui aqui nun se morre de fome praque o prato qui come um dar pra cumer dois e tenho muita saudade e sinto muita falta de vance num mais vende doce quiabo e aipim na feira de domingo praque os outro mininus num quer fazer e todo os dia rezo pra vance ser felis e si livrar do mau i du cumunismo i aqui todo mundo tem saldade de vance e pensa qui um dia vance ainda vai viver aqui e li manda lembransas e deus li abenssoi e li tire du caminho du mal deste cumunismo qui so altrapaia a vida das pessoa e esta é a prece da suas tias e a benssao da sua veia mae maria de doli mais isnpere ai qui num acabei ainda e li digo outra veis quando quiser vortar num espere muito tempo praque num resta muito tempo pra esperar praque sua mae esta muito veia. e num da pra esperar mais ti mando este retrato da tua veia mae par vonce nunca na vida sisquecer dela...”<sup>5</sup>* E com muita saudade da minha mãe e de toda aquela vida camponesa, sentia com um certo receio de sozinho enfrentar a cidade grande, um mundo estranho que nem imaginava como deveria ser, mas eu já tinha decidido que não queria mais ficar esperando pelas promessas do tempo, nem no Brejo Grande, nem no Paiaíá, nem em Alagoinhas ou Salvador. Não queria, nem poderia ficar aguardando ali de braços cruzados nem por trabalho, nem por amor real da Nislene<sup>6</sup>, Teresinha ou Lasdilene, ou pelo amor platônico da Shirlene, nem para fazer o ginásio, o colegial e a universidade. Naquele momento eu só tinha escutado a palavra universidade por um primo que estava em Alagoinhas se preparando para cursar a Faculdade de Direito, em Salvador, ser doutor em advocacia e depois voltar para advogar no interior da Bahia. Findam-se os anos 50, nascia Brasília que só conhecíamos através das histórias contadas pelos caminhoneiros. Eles diziam ser aquelas terras distantes os lugares ideais para adquirir fortunas e até poder enriquecer. Aproximavam-se os anos de 1960 e eu via o tempo passar, mas não queria e nem podia mais esperar para cursar o ginásio, o colegial ou a faculdade, nem continuar na roça. Estas eram as minhas decisões irrevogáveis. Era irrevogável para mim, que sonhava, naquela ocasião pelo o meu primeiro tempo de espera. Inimaginável para a minha mãe, que nem sonhava em um dia, a não ser com a morte, distar-me de perto dela. Enigmático para o meu velho cachorro Cação que perdia o seu fraternal

---

<sup>5</sup> Transcrição dum trecho de uma carta da minha mãe em resposta a que lhe mandei dizendo que tinha entrado no curso noturno de História da USP.

<sup>6</sup> A maioria dos nomes se referem a pessoas reais, alguns são nomes próprios; outros, principalmente os relacionados com questões políticas e sindicais, são *nomes de guerra* conforme se usava na época.

companheiro das muitas viagens pelas estradas lamacentas ou empoeiradas, entre o Brejo-Grande<sup>7</sup>, Paiaíá<sup>8</sup>, Natuba e Seremão<sup>9</sup>, pois esse era o único mundo que eu conhecia até então, com exceção de uma semana passada em Salvador para fazer um exame de vista e tentar ser aceito no Seminário dos Capuchinhos, na praça da Piedade. Irritante para o meu cunhado (in memoriam) que preferia levar o meu irmão José para fazer faxina no Edifício João Francisco Rennó, na rua Santa Ifigênia, 308, esquina com a rua Aurora, na chamada boca-do-lixo, a zona de meretrício mais decadente do centro velho de São Paulo onde o meu cunhado trabalhava como zelador. “(...) *Meio frio. Meio termo. Um pouco de cada coisa. A fragilidade bem dosada de um espírito que entrou na contramão. Que coisa digo? Que coisa diria se tivesse alguém para me confessar e fazer todas as perguntas para as respostas que procuro? Assim me encontro neste receio de não saber onde quero chegar, sabendo que devo ir ao encontro da grande realização*”<sup>10</sup>. Mas se houve, ou se houver mesmo uma grande realização, esta graça se deve ao meu tio Quinha (in memoriam), e sobretudo ao meu irmão José que sempre foram muito generosos comigo. Meu irmão José continua na roça lutando contra as enchentes que transbordam o leito do riacho destruindo as suas pequenas

---

<sup>7</sup> Brejo-Grande, pequena propriedade onde nasci e passei a infância e adolescência. Dista 1 Km do Paiaíá e 5 a 6 do Seremão, no município de Nova Soure, Bahia.

<sup>8</sup> Paiaíá, vilarejo vizinho e que antes teve três nomes: *Olho d'água*, *Cassete Armado e Bandinha*., no mesmo município.

<sup>9</sup> Seremão, Fica a mais ou menos 5 Km de distância, na direção Oeste do Brejo Grande e aproximadamente a 6, no sentido Norte, da cidade da Natuba, hoje Nova Soure, nome da sede do município do mesmo nome onde nasci e fui batizado e vivia o *Jeromo* que durante às madrugadas escuras acordava a cidade com relinchar de jumento que o padre e todos os moradores achavam mesmo que fosse um *jumento encantado* (Cf. José Eremilson da Silva em seu livro *Terra e Sol*.) Região onde minha família tinha uma média propriedade para plantio de feijão e milho, cultivo de alguns pés nativos de imbuzeiros (1) e licuris (2). Tinha sempre de duas a quatro mulas de carga, umas três éguas, uns cinco jegues ou jumentos (3), uma média de cinquenta cabeças de gado bovino para leite e uso no trabalho da roça (usados sobretudo no carro de boi e nos arados), umas cem cabeças de ovelhas e outras tantas de cabras que eram normalmente abatidas para o consumo doméstico de carne. Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica para Windows 2.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. (1) Verbetes: imbuzeiro. *Arvoreta muito copada, da família das anacardiáceas (Spondias tuberosa), própria da caatinga, de folhas penadas, flores minutas, e cujas raízes têm grandes tubérculos reservadores de água, sendo os frutos (imbus) bagas comestíveis, bastante apreciadas.*] (2) Idem, verbete licuris ou aricuris: aricuri. Brasil: *planta da família das palmeiras (Cocos coronata), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. Var.: alicuri, aricuí, iricuri, uricuri, ouricuri, licuri, nicuri; sin.: urucuriiba, coco-cabeçudo, coqueiro-cabeçudo, butiá, butiazeiro, licurizeiro.*] (3) Idem, verbete jegues ou jumentos [idem, Verbetes: jumento. Animal mamífero da ordem dos perissodáctilos, gênero Equus, espécie Equus asinus L., facilmente domesticável, muito difundido no mundo, e utilizado desde tempos imemoriais como animal de tração e carga. É ungulado e tem pêlo duro, de coloração extremamente variada, indo do castanho-fulvo ao cinza-escuro].

<sup>10</sup> Cf. Cassandra Rios, Tessa, a Gata, 1982, p. 8.

lavouras, e com os longos períodos de secas que normalmente levam à morte total da lavoura e das suas poucas cabeças de animais. Na companhia do seu velho vira-lata *Nixon* — cuja origem do nome vem de um noticiário de rádio que ele escutava enquanto tomava uma cachaíinha em um bodega<sup>11</sup> no Paiaíá — e dos seus pavões que dormem sobre o mesmo telhado da velha casa onde nascemos — e o acordam às quatro horas da madrugada — se sente feliz naquele ambiente solitário sem luz elétrica e “sem rádio e sem notícias das terras civilizadas”<sup>12</sup>. Mas foi esse meu irmão querido e sempre solidário tanto comigo quanto com todos os meus outros irmãos que naquele momento de discussão e de insistência do meu cunhado levá-lo para São Paulo, compreensivamente, aceitou as justificativas do tio Quinha, que eu seria mais apropriado do que ele para exercer aquela nobre profissão de faxineiro. E não vendo outra alternativa para mim, a minha mãe com tristeza concordou chorando com a minha ida para São Paulo, mas sempre na esperança de um dia eu voltar para viver ao seu lado nos últimos momentos da sua vida. Os meus outros irmãos não deram muita atenção para o assunto. Para a minha tia Das Neves com quem eu trabalhava em sua pequena loja de tecidos — e sonhava de um dia me ver padre — concordou plenamente e me pediu que estudasse para ser padre e me ordenar para voltar e rezar missas na igreja de São José do Paiaíá e pela vontade dela, todos os dias da semana. De maneira semelhante, concordaram os meus outros tios, mas a minha irmã que morava em São Paulo — e que fora a primeira pessoa que me ensinou a ler as letras do ABC — não teve condições de opinar porque estava distante, mas certamente se tivesse ali perto, ficaria neutra. Meu cunhado, que não simpatizava muito comigo, tentou ainda apresentar outros argumentos, um dos quais era que eu enxergava pouco e iria ter dificuldades para transitar pelas ruas da cidade, que ao contrário das estradas de tropas e boiadas que eu transitava diariamente, as ruas de São Paulo eram cheia de automóveis, ônibus, bondes e de todo tipo de pedestre e marginais (principalmente os

---

<sup>11</sup> Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Op. cit. 2.0. Verbetes: bodega. Do grego *apothéké*, 'depósito', pelo lat. *apotheca*, com sonorização do *p*, do *t* e do *c*, e deglutinação. Taberna (casa onde se vende vinho a varejo; baiúca, bodega, locanda, tasca, tasco. Casa de pasto ordinária; locanda, tasca, tasco. No Brasil: pequeno armazém de secos e molhados. [Sinônimo (no RS): boliche. Comida grosseira e malfeita. Coisa suja; porcaria, imundície. Na gíria: coisa insignificante, reles ou imprestável. Exprime descontentamento, irritação. Obs. em São José do Paiaíá não existia armazéns nem casas de secos e molhados, mas sim bodega ou venda de fulano de tal.

<sup>12</sup> Cf. Luiz Gonzaga, Riacho do Navio.

baianos que ele dizia odiá-los), que se pudesse imaginar. Mas não foi muito feliz nesse argumento, pois o tio Quinha logo replicou que não era bem assim, que ele conhecia também São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador e que nessas cidades as noites eram iluminadas iguais aos dias. Disse-lhe ainda que eu não era cego, pois o problema da minha vista era apenas de miopia e isto não dificultava eu andar a noite pelas ruas, pois ele tinha ficado surpreso com a minha vivacidade quando da primeira vez que andou comigo em Salvador. Portanto, eu não era cego e o meu cunhado não precisava ficar preocupado com isto e nem que eu fosse me perder na imensidão da cidade de São Paulo. E não tendo mais argumentos, sobretudo porque ele e todos nós respeitávamos sem questionar as decisões do tio Quinha, contra a sua vontade terminou aceitando que fosse substituído pelo meu irmão José. Mas ainda no dia da sua volta para São Paulo, em um domingo de manhã antes do caminhão (Pau-de-arara)<sup>13</sup> chegar, o meu cunhado tentou, pela última, vez me recusar, mas não teve o mínimo sucesso pois já tinha dado a palavra ao tio Quinha que iria mesmo me levar. Mesmo assim, muitíssimo irritado e meio gago de raiva, chamou mais uma vez o meu irmão José para conversar em frente da loja da tia “das Neves”, e eu escondido debaixo do balcão escutava ele dizer mais ou menos assim: *qui qui peste zê zi, gi, Jusé! Já qui qui qui num teim outro jeito, nun num num ê ê é Zé, i i i un un un eu nnhum nu nun um tenhio o qui qui qui fa fa faazê, in in intão é isso mê mê mêmo, nun é! Vaaaancê fi fi fica aqui tratando c’as vaca e c’a veia in in inquanto eu vo vo vô e fico lá pra pra pra São Paulo cuidando c’á vida, a a a até de de Deus mi mi mi a a a a ajudá qui eu tenha com con con com condição de vo vor vortar pra cá pra pra pra fi fi fi ficá ca ca cas vaca e ca ca ca a veia”*. E assim, enquanto todos decidiam sobre a minha vida, alguns dias antes de ir embora para São Paulo no caminhão do tio Quinha e de Manelito de Zazá, vinha à tona os sentimentos de estima da minha imaginação. Sentado sobre um pilão deitado em um dos cantos da cozinha de loiô e Odelita, no Brejo-Grande, e comendo uma espiga de milho verde assado, jurava por todos os santos às minhas primas Oelza, Oélia e Nice que queria ir embora daquela roça. Enquanto eu desabafava que o meu sonho era morar em São Paulo, o meu velho vira-lata Cação — que acompanhava todos os meus

---

<sup>13</sup> Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. Op. cit.. Verbete: pau-de-arara. Caminhão, coberto, com varas longitudinais na carroceria, às quais os passageiros se agarram, e usado principalmente no transporte de retirantes nordestinos para SP, MG e RJ. Retirante que viaja num desses caminhões. Pejorativo: qualquer nordestino.

passos e à noite me vigiava dormindo debaixo da minha rede — estava deitado ao pé do fogão, fingindo dormir. Num gemido baixinho, parecia já está sentindo saudade e, balançando o rabo, procurava desaprovar essa minha decisão. Mas depois da morte do meu pai, o meu mestre e protetor tio Quinha, não se cansava de aconselhar a minha mãe que eu deveria encontrar um trabalho que não fosse na roça, *porque trabalhar na enxada é puxar cobras para os pés, é andar para trás como rabo de besta. E ele sinceramente acreditava que eu não tinha vocação para isto. A minha cabeça parecia mesmo um disco em alta rotação, pois, no meu íntimo sentia que não estava de tudo consciente de querer mesmo sair dali mas, sim, ficar semeando esperanças de vencer as enchentes e as longas secas, para colher com fartura nas épocas de chuvas as nossas pequenas plantações de milho, feijão e mandioca. Mas o conflito me perseguia. A bem da verdade, não saía da minha cabeça o desejo de continuar estudando, uma vez que já havia terminado o curso primário, iniciado na escola da minha irmã Sinhá, na Fazenda Brejo-Grande e terminado na velha Escola Rural de São José do Paiajá. Na primeira, entre brigas e carinhos, a minha irmã impregnou o labirinto da minha mente com as 26 letras da carta do ABC e os números das quatro operações fundamentais da tabuada. Na segunda — que só existe hoje os alicerces perdidos no meio da capoeira e do silêncio da saudade — entrei em êxtase pela primeira vez na minha vida de menino, ao ganhar da Professora Maria Ivete Dias (depois Sangalo), o meu primeiro livro de leitura: *Através do Brasil* de Manuel Bomfim e Olavo Bilac; o segundo momento chegou pela ocasião de ganhar da minha outra Professora Maria José Costa (in memoriam), *As Sombras do Arco-íris* de Malba Taham. O terceiro momento foi o da minha formatura do primário, com a premiação pela professora Justina (in memoriam) com um cacho de *banana ouro* e com a declamação do poema a seguir e que só depois de muito tempo fiquei sabendo que era de Jorge de Lima. O poema assim diz: “(...) *Mel silvestre tirei das plantas./Sal tirei das águas, luz tirei do céu./escutai, meus irmãos: poesia tirei de tudo/ para oferecer ao Senhor./Não tirei ouro da terra/ nem sangue de meus irmãos./Estalajadeira não me incomodeis./Bufarinheiro e banqueiros/ sei fabricar distâncias/ para vos recuar./ A vida está malograda/ creio nas mágicas de Deus. /Os galos não cantam,/ a manhã não raiou/ Vi os navios irem e voltarem/ Vi os infelizes irem e voltarem/ Vi homens obesos dentro do fogo/ Vi zinguezague na escuridão./ Capitão-mor, onde é o Congo?/ Onde é a ilha de**



*São Brandão?/ Capitão-mor, que noite escura!/ Uivam molossos<sup>14</sup> na escuridão./ Ó indesejáveis, qual o país,/ qual o país que desejais?/ Mel silvestre tirei das plantas./ sal tirei das águas, luz tirei do céu./Só tenho poesia para vos dar:/ Abancai-vos meus irmãos*". E assim, ensaiava-se o meu primeiro tempo de esperar, cujo vencimento terminou sendo mesmo as *juras* feitas às minhas primas e observadas pelo meu velho cachorro Caçã. E uma vez decidido que eu ia mesmo embora dali, a minha mãe costurou roupas novas e preparou feijão mexido com farinha, carne seca e capão (frango) assado para que eu não comesse nos restaurantes da estrada, pois lhe diziam que essas comidas faziam mal a saúde e normalmente deixavam com a barriga inchada. Nos dois primeiros dias de uma viagem que durou seis dias até chegar no Brás — Largo da Concórdia, antigo bairro italiano e agora reduto de retirantes nordestinos em São Paulo — já atravessando a fronteira da Bahia com Minas Gerais, essa comida ficou totalmente azeda e foi terminar no mato na beira da rodagem. E assim, depois de tantas epopéias, parti do Paiaíá despedindo-me de todos dando (...) *adeus ao meu pedaço de chão/ adeus minha terra morena/ quem fica não tem opção/ Quer avoar e não tem pena/ Quer comer e não tem pão./ Por isso eu vou embora/ Meus sonhos vou prosequi/ Quem espera não faz hora/ Nem alcança o porvir/ Prefiro chorar lá fora/Do que rir sem graça aqui*".<sup>15</sup> E pra não viver sem graça e com medo em uma terra sem nada, em uma manhã de sol quente daquela terça-feira de abril, depois da enchente levar tudo o que tínhamos plantado no brejo, entrei na cabina do caminhão e, entre o tio Quinha e Manelito fui embora para São Paulo. De certa forma essa não deixava de ser a viagem dos meus sonhos, embora sem perceber que também estava fazendo aquilo certamente por que o meu inconsciente já me instigava a não mais continuar trabalhando na roça, nem morando na Bahia, visto que naquele Estado o "(...) *povo não elege coisa alguma. Não elege o governador. Nem elege, sequer, as municipalidades. O Governo Federal tem plena consciência desta monstruosa realidade. Tem perfeita ciência dela, como todo mundo. E, se de público a não confessa, temos razões certas para dizer que, à prioridade, a reconhece...*"<sup>16</sup> era mesmo ir embora dali. Mas só vim tomar consciência disso muito tempo depois, quando estava cursando a faculdade

---

<sup>14</sup> Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. Op. cit. Verbete: molosso. Do grego molossós, pelo latim molossu. S. m. Espécie de cão de fila. Em sentido figurado: indivíduo turbulento, brigão, valentão.

<sup>15</sup> Cf. José Eremilson da Silva, 1997, p. 73.

<sup>16</sup> Cf. Walfrido Moraes, Jagunços e Heróis, 1963, p. 91.

em São Paulo, após a carta da minha mãe que ela e o tio Quinha pensavam que eu fosse comunista porque não me referia mais a Deus, não ia mais acompanhar a missa e ainda questionava o padre de Nova Soure sobre a existência de Deus e força milagreira dos santos. Era um padre ainda muito jovem, recém *ordenado* e já *fanático* pelo regime militar que havia derrubado Jango em 1º de abril de 1964. E essas minhas novas convicções não deixaram de ser frutos daquelas juras que eu havia feito comendo milho cosido, canjica, munguzá e carne assada de preá<sup>17</sup> misturada com feijão. Juras marcadas com as fortes batidas do pé direito no chão e ao lado do pilão deitado em frente do fogão, que só voltava ali com um anel de doutor no dedo, visto que, naquelas imediações, o anel era mais importante do que o diploma. O anel verdadeiro simulava o saber e o poder, e em São Paulo era mais fácil se conquistar um anel de doutor do que em Salvador. Ficava olhando para as mãos de Joãozinho de Joaquina Bunda<sup>18</sup> e as de Zé *Bodeiro*<sup>19</sup> que eram analfabetos e haviam voltado de São Paulo onde trabalharam como cobradores e condutores de bonde, com os dedos *senhor-vizinho*, *maior-de-todos* (ou *futucador do fiofó*) e *fura-bolo* e às vezes até o *cata-piolho*, cheios desses anéis. Não eram de ouro, mas de latão amarelado com uma grande pedra vermelha de rubi em forma de degraus, rodeada por pequenas esmeraldas, tudo feito de plástico. Voltaram para o Paiaíá exibindo os seus anéis de doutor e uniformes cáqui à moda Jânio Quadros, e por isso conquistavam as meninas da região. E assim o tempo passou, passou, passou... e muito esperei para chegar por essa hora de também ter um desse anel, mas que fosse mesmo verdadeiro e não de plástico. Passou-se o tempo, dia e noite, noite e dia, sempre lembrando o que a minha mãe me dizia sobre o tempo de esperar. Fazendo faxina, meu primeiro

---

<sup>17</sup> Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. Op. cit.. Verbete: preá. Brasil. Designação comum às espécies de mamíferos roedores da família dos cavídeos, gênero *Cavia* Pal., especialmente a *Cavea aperea* Erxl., que ocorre de PE para o S. Brasil; Designação comum a três espécies do gênero *Galea* Mey., comuns no N. e no N. E., de dorso manchado de amarelo-sujo e preto, variando com as espécies, e superfície ventral branca, tendente ao amarelo-sujo. Vivem nos capinzais à beira de córregos, lagoas e rios, saindo ao anoitecer, e se alimentam de gramíneas.

<sup>18</sup> Esse nome poderia ser apelido, mas também pode ser sobrenome, pois não se tinha e não se tem ainda informação precisa se os seus ancestrais escravos eram de origem dos Quibundos de Angola. (Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. Op. cit. Verbete: bundo. *Indivíduo dos bundos, indígenas bantos de Angola; ambundo, quimbundo. A língua dos bundos; ambundo, quimbundo. Qualquer língua de negros; bunda. Maneira incorreta de exprimir-se; linguagem estropiada. Pertencente ou relativo aos bundos; bunda, ambundo, quimbundo. Diz-se da língua bunda; bunda, ambundo, quimbundo. Diz-se da maneira estropiada ou incorreta de exprimir-se.*

<sup>19</sup> Parente do Pedro Bunda, tinha este apelido por que ninguém entendia direito o que ele dizia.

emprego em São Paulo, naquele referido Edifício João Francisco Rennó, morando na cabine das máquinas dos elevadores no 11º desse edifício e *comendo e amando* no 69 da rua dos Andradas, esperava concluir o meu primeiro tempo de esperar, o qual veio através da linha-de-montagem na metalúrgica Braseixos Rockwell, em Osasco, São Paulo. E essa última etapa do meu primeiro tempo de esperar iniciara em um domingo, 28 de fevereiro de 1964. Feliz estava quando, levando a minha mala de madeira forrada de pano estampado e mais um rádio *Zenith* e um despertado *Clock*, deixei a pensão da espanhola Matildes na rua Santo Amaro, esquina com a Avenida Brigadeiro Luíz Antônio, para tomar um ônibus no vale Ahangabaú, centro velho de São Paulo, com destino a Barueri. Teria que partir naquele dia, pois, no dia seguinte me apresentaria no meu sonhado novo emprego na Braseixos Rockwell, para tentar completar o meu primeiro tempo de esperar. Desci em Osasco, em frente da pensão de seu José Baiano — na realidade era mineiro — na esquina da Avenida dos Autonomistas com a rua Antônio Agu que há muito tempo deixou de existir. Passei a morar com mais três amigos, o Zezinho de Mogi das Cruzes, ou Zé Baiano e os primos Esterlo<sup>20</sup> e Zuca<sup>21</sup> também baianos de Morro do Chapéu, na região do Irecê, que trabalhavam comigo e à noite faziam o Segundo Grau (o Zuca, o Científico e o Esterlo, o Clássico) no Colégio Estadual de Osasco. No ano seguinte, 1965, o Esterlo passou no vestibular de Direito da Universidade Mackenzie, cuja entrada principal era pela rua Maria Antônia - centro velho de São Paulo e bem em frente da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Essa, foi transferida, em julho de 1968, depois da *guerra* contra o Mackenzie, para uma improvisada instalação com paredes de Excatex e telhas de amianto, no campus do Butantã e que nos dias de chuva ninguém conseguia escutar o que os professores diziam. O Zuca se dedicou, exclusivamente, a fazer política, jogar capoeira e tocar violão. Dos hóspedes da pensão do seu Joaquim, apenas o Zé Baiano trabalhava na Forjaço e militava na tendência sindical, cuja liderança foi forçada a sair do Brasil após liderar a greve geral dos metalúrgicos de Osasco, em 1968. Essa

---

<sup>20</sup> Esterlo e Zezinho são apelidos e não nomes de famílias.

<sup>21</sup> No início dos anos de 1970, o Zuca foi covardemente metralhado pela repressão do governo militar brasileiro, quando dormia ao lado de um dos seus companheiros de luta-armada, na sombra de um juazeiro em sua terra natal (Morro do Chapéu, interior da Bahia). Alguns nomes aqui citados são fictícios, ou de guerra, como dizíamos na época. Se tiver alguma semelhança com pessoas atuais, é mera coincidência.

tendência fazia oposição ao então líder sindical *Rodergs Irgam*<sup>22</sup>, que era alto, musculoso e seguia a orientação da política sindicalista do seu contemporâneo e *perpétuo* presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Nas assembleias do Sindicato dos metalúrgicos de Osasco, o Irgam sempre procurava intimidar a oposição e fazer com que as suas propostas fossem aprovadas, falando aos *berros* e dizendo palavrões. Com esse comportamento tentava impor a sua autoridade de líder sindicalista de confiança dos patrões e do regime militar. Sempre trajava calça xadrez *boca de sino*, camisa de nylon *Volta ao Mundo, cor de abóbora*, japona preta de lã com um emblema do *Palmeira* sobre o bolso esquerdo, e sapatos preto Vulcabras, com fivelas. Usava um grosso cordão de ouro no pescoço, uma pulseira de ouro no braço direito, um grande relógio, também de ouro, no braço esquerdo e óculos ray-ban escuro modelo *Gatinho*<sup>23</sup>, ainda muito comum na época. No dedo *senhor vizinho* da mão direita, tinha um anel parecido com o de Zé Bodeiro. Portava sempre um revólver e um *soco-inglês*<sup>24</sup> nos bolsos da sua japona. O Zé Baiano era o seu contrário: baixo, magro, cabelos *sararás* untados com brilhantina *Dirce*, que era mais barata do que a *Glostória*. Tinha nascido no interior do município de Chorocho, raso da Catarina, interior da Bahia, mas morava desde os dez anos de idade em Mogi da Cruz, subúrbio de São Paulo, onde o seu pai trabalhava como faxineiro da Central do Brasil. Embora tendo aprendido a ler e escrever (só tinha feito o primário) nessa cidade, e já estando morando aí por mais de quinze anos, continuava com um carregado sotaque sertanejo misturado com o de caipira da periferia de São Paulo, cujas palavras mais comuns do seu vocabulário eram: ôxente, zorra, ô meu, sabe...!! Nas noites de sábados ou em dias de festas, trajava sempre calça e paletó de brim cáqui ou de linho branco, também com um emblema do Corinthians colado sobre o bolso esquerdo do paletó, no qual estava sempre um lenço branco dobrado com as pontas para fora, e um cravo na lapela. Preferia camisa de tricoline listada de azul e branco e dificilmente tirava o seu velho chapéu de baeta cinza da cabeça, para não ficarem *gozando* dos seus cabelos *sararás*. O seu relógio era

---

<sup>22</sup> Apelido de gozação que alguns opositorista lhe botava por ser um ardente defensor dos Estados Unidos e da Guerra do Vietnã.

<sup>23</sup> Esse modelo de óculos era normalmente usado pelos primeiros *motoqueiros* paulista que faziam *péga* à noite, na rua Augusta, região central de São Paulo.

<sup>24</sup> Cf. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Op. cit. Verbete: *soco-inglês*. *Peça metálica, inteiriça, constituída por quatro anéis ligados, pelos quais se metem os dedos da mão, menos o polegar, e que serve para aplicar godemes, podendo ferir gravemente o adversário.*

um Omega com pulseira dourada e jamais tirava também do pescoço o seu fino cordão de prata prendendo um pequeno crucifixo do Senhor do Bonfim da Bahia, o seu (o nosso) protetor. E por fim, calçava também sapatos Vulcabrás com fivelas, mais normalmente de duas cores: marrom e branco. Esse era mais ou menos parecido com a maneira de trajar dos demais membros do grupo do Zé, o baiano de Mogi. Éramos *habituês* dos shows no Social e Esportivo Floresta Clube de Osasco. Na porta do Clube um carro de polícia com quatro policiais militares nordestinos, impedia as *arruaças* que eram normais entre *galeras* em noites de espetáculos ou de formaturas do Colégio Estadual. Em desses espetáculos, um show de Wanderley Cardoso, estava o grupo do Igram composto por ele, por um galego, chamado Ivan, o russo, que trabalhava na Cobrasma, e um alagoano de nome Mauritano<sup>25</sup>, de Olhos d'Água das Flores, Alagoas. Era entregador de peças na seção de ferramentaria da Braseixos e fora apelidado por uns de *Garrincha*, o *Alcagüete*, e por outros de o *dedo-duro*. Tal apelido era por causa do seu tamanho, pernas tortas, cabeça pequena, sempre vivia resmungando e dificilmente conseguia pronunciar uma frase completa. Analfabeto convicto e católico radical, tinha ódio mortal de dois padres operários franceses que trabalhavam na Cobrasma, cuja entrada principal era em frente da Braseixos. Alegava que lugar de padre é na Igreja e não em fábricas tirando o emprego de trabalhadores que precisavam sustentar as suas famílias. Padre que reza missa fora da igreja, só pode ser mesmo comunista querendo enganar os *bestas e levá-los à perdição do Inferno*. Mauritano se recusava a aceitar em participar do grupo de alfabetização que era dado pelo SENAI, dentro da fábrica na hora do almoço ou depois do expediente e sempre com o mesmo argumento: *quem aprende a ler perde a Fé em Deus e é facilmente enganado por aqueles padres comunistas e pelos comunistas que fazem oposição ao patrão e aos amigos do Sindicato de Metalúrgicos de Osasco, e com tal com fazia questão também de não ser sindicalizado*. Dessa oposição sindical que ele dizia ser comunista, tinha ódio mortal dos seus três líderes principais: o turco, o filósofo e o boy (ou boi, como assim o pronunciava). Esses, dizia Mauritano, nem operários são, nem tampouco patrões, porque se os fossem, não fariam tantas *besteiras* com palavras complicadas que somente eles entendiam. O patrão *fala bonito* e os seus empregados entendem tudo que ele diz, assim como o Igram, que não é

patrão, mas em suas palavras diz tudo que o operário quer e precisa ouvir para se livrar da garra daqueles *cabras comunistas* da oposição. Uma das suas maiores satisfações era passar o tempo todo afiando a sua peixeira para se vingar (sic) daqueles três *comunistas e ateus*, filhos de famílias ricas que não lhes deram educação nem religião. Outras tantas horas se passavam assobiando músicas de Luiz Gonzaga, principalmente *A volta da Asa Branca*, e em delatar colegas de trabalho ao chefe do setor, um português que era fanático pelo Salazar, pela Portuguesa dos Desportos e por denunciar colegas à polícia, por subversão. Naquela noite de sábado, enquanto o show do Wanderley *rolava* no palco do Floresta, o grupo do Irgam, inclusive o Mauritano gritava alto dizendo que o governo de São Paulo devia fazer uma faxina na cidade, queimando todos os baianos que lá moravam. Em uma determinada hora, começaram a provocar diretamente o nosso grupo que nessa noite só tinha eu, o Zé Baiano de Mogi e o Zuca Baiano — esse, depois da greve geral dos metalúrgicos de Osasco, em 1968, foi denunciado à polícia pelo português da Braseixos, seu chefe imediato — a Raya<sup>26</sup>, paulista de Campinas, cozinheira da Braseixos e namorada do Zuca; a Lebasi<sup>27</sup>, moçambicaninha, também cozinheira da Braseixos e minha paixão platônica (neguinha bonita igual aquela ainda estou pra conhecer) e a Ecin<sup>28</sup>, alagoana do mesmo município de Mauritano, porém sua inimiga, cozinheira da Forjaço e noiva do Zé Baiano de Mogi. Diziam palavrões e faziam gestos obscenos para as meninas, especialmente para a Ecin, que era a noiva do Zé Baiano de Mogi. O Zuca começou a devolver as provocações, e assim foi até o final do show. Na saída, o Wanderley também passou a participar do grupo deles. O Zuca, que era exímio jogador de capoeira, deu uma rasteira no Irgam (de nada adiantou o soco inglês que havia colocado entre os dedos) e a partir daí começou a confusão. Cadeiras *voavam pelo espaço*, copos de cerveja, garrafas, pratos de pizza, talheres e guardanapos se espalhavam pelo chão, criando uma tão grande confusão que eu nunca vi outra igual. Um senhor alto, vermelho, cabelos louros clamava em voz alta e gesticulando com as mãos: acalmem-se, jovens; deixe isto pra lá que não dá em nada e só estraga o futuro de vocês. Outros *atiçavam fogo* para ver a briga continuar. Madames e mocinhas se escondiam embaixo das mesas ou corriam para os banheiros, gritando e

---

<sup>26</sup> Apelido.

<sup>27</sup> Idem

<sup>28</sup> idem

chamando a polícia para pôr ordem no ambiente que era familiar. Diziam que aquela *bagunça* era coisa de comunistas provocadores, esses sindicalistas que brigam por mulheres e no final terminam todos se unindo contra os patrões, o governo e as famílias de bens. Os quatro policiais nordestinos chegaram para pôr ordem na confusão, protegendo os provocadores e nos levando para a prisão que ficava a um quarteirão da minha nova pensão e também da Braseixos, que me acordava com o seu apito todos os dias às quatro horas da madrugada, logo depois de voltar das *noites boêmias* no cine *Glamour*. Esse cinema ficava perto da Estação de trem e ao lado do Colégio Estadual que era o mais famoso da cidade e só estudava filho de *gente bacana*. O *Glamour* era o *point* da época naquela cidade, e para lá eu ia freqüentemente encontrar com os amigos, jogar sinuca, tomar cerveja e tentar uma daquelas namoradinhas de final de expediente que selecionava os seus pares para namorar às 03h:00 da manhã atrás da Estação de trem de Osasco. Eu evitava encontrar o grupo do Irgam que na cidade era conhecido como o grupo de "maloqueiros" que só gostavam de confusão. Uma dessas noites típicas de garoa paulistana, passando em frente da Estação de trem vi uma moreninha trajando um vestido verde bem *apertadinho* na cintura. Não resistindo à tentação de conquistá-la, improvisei na hora estes versinhos: *"morena que está aí/ cheia de melancolia/ me diga se você veio/ da cidade da Bahia/ ou se foi lá do sertão/ onde não há alegria/, onde a lei é do mais forte/ e o pobre nem assobia./Morena, aqui no sul,/ a vida parece ter mais alegria, /mas tem de trabalhar todos os dias/ mas não tem tanta miséria/ como na região onde a gente vivia"*. Ela olhou para mim e sorrindo perguntou com um sotaque sertanejo acentuado: *essa quadra é tua mesma?* Cuma vancê sabe qui sou baiana da Bahia, praque eu num tenho nada de sutaque da Bahia e sou mesmo do interior, lá da Barra de Tarrachi, no Rio São Francisco du lado da Bahia e perto de Petronilha. Tu conhestes? E vancê é di lá também, di lá de Tarrachi? Eu nunca ti vi lá! Di quem vancê é fio lá? Dus ricos de Uauá ô dus ricos lá du lado de Pernambuco, de Belém do São Francisco ou de Floresta? Vancê deve ser argum adivinham trovador cuma os violeiros lá du São Francisco, qui fica lá em Belém du outro lado du rio, da banda de Pernambuco, num é? Ou intão lá di Floresta, daqueles omes armados qui vende ervas nas feiras e qui fica cantando e adivinhando a vida da gente, num é? Vancê é lá de Floresta ou de Santa Maria da Boa Vista? Eu lhe respondi que era baiano, mas de outro lugar do interior, de São José do Paiaíá.

Aí ela disse: *discunjuro de nome, nunca vi falá nesse lugá! É tum feio, num é! Misericorda!!! Cuma vancê veio de lá pará aqui no diabo deste frio, ome!! Tenho tanta sardade de Barra de Tarrachi e do circo do paiço Tambaquara qui vancê num imagina! Éta cuma é bom encontrá um diabo dum ome bom de falá! Assim eu fico a noite toda falando cum vancê, pruque os omes dessa terra num qué falá cum eu não!!!*. Perguntei-lhe se estudava ali no Colégio Estadual, onde morava, em que trabalhava, se estava esperando o último trem para Barueri e como se chamava. Ela me respondeu que era analfabeta, morava no bairro Jardim de Abril, um pouco distante da estação, trabalhava como faxineira daquele Colégio, estava ali parada esperando a condução e mostrando-me a sua certidão de nascimento, lá estava registrado que se chamava Esmeraldina dos Prazeres<sup>29</sup>. E assim, por mais de dois anos, prazeres tivemos esperando naquelas noites *frientas* onde nos encontrávamos depois de sairmos dos nossos trabalhos, às onze horas da noite. E isto faz lembrar aquele poeminha do Manuel de Barros apresenta no início deste texto: “*Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas*”. Mas a vida não se inventa e a gente tem que enfrentar da faxina à linha de montagem, dos bares e shows de Wanderley Cardoso ou de *bossa nova* à gafieira Caçamba da rua Quintino Bocaiúva, ao lado do curso de Madureza Dr. Souza Diniz e aos *forrós* Pedro Sertanejo, no Belenzinho e no Brás. Paixões clandestinas e/ou reais as esperei em noites pouco dormidas ou nas páginas lidas e sublinhadas, às vezes quase que desentendidas dos livros que folheeí, para me alimentar com o tempo de esperar. Esperar para esquecer da Nislene, o primeiro e ainda *verde* amor e os outros que depois vieram *preencher* os *solapos* das minhas infundas paixões e do *verde amor* que normalmente levavam à solidão. E Nislene, antes dos 17 anos de idade já estava em um outro ramo do amor, com casa montada à volúpia (a *Coréia da Natuba*), em Nova Soure, Bahia, transferindo-se em seguida para Vitória da Conquista, também na Bahia onde morreu anos depois na dura *arte-romântica da concupiscência*. Nislene (in memoriam), *amore de adolescentia... de tempus... et aeternitate*. Amava-a em noites de despaldas de milho, ou em tardes quentes nas sombras dos juazeiros ou das mangueiras esperando o sol esfriar e o nosso milho no terreiro juntar para de noite despallar. Amavam-nos com carinhos e beijinhos adolescentes e com o doce ingênuo das suas poucas corretas/incorretas palavras de quem



nunca freqüentou uma escola e jamais aprendeu, sequer, a desenhar o seu nome. Mas, melhor do que qualquer especialista em gramática, sabia, na prática, conjugar o gerúndio do verbo amar — estou amando — e se recusava a conjugar o verbo recordar. A sua principal conquista era viver o agora, o tempo presente, o amor presente, e amar e dançar foram os principais atributos da sua beleza. Viver assim era bom, e por essas causas dedicou toda a sua curta existência dando prazer aos outros e à destruição para si, sem fazer questão de aprender conjugar o verbo recordar. E naquela manhã de terça-feira eu partia para São Paulo e não via mais Nislene pra me despedir, pra dizer “(...) adeus, vou pra não voltar/ e onde quer que vá,/ sei que vou sozinho./ Tão sozinho amor,/ nem é bom pensar,/ que não volto mais, deste meu caminho. Ah! triste é não saber,/ como te contar/ que o amor foi tanto/ e no entanto eu queria saber/ vem, eu só sei dizer/ vem, nem que seja só/ pra dizer-te adeus”<sup>30</sup>. E esse primeiro amor conquistou a sua vitória no *submundo* de um melancólico meretrício em Vitória da Conquista, cidade na qual se encontra, ninguém sabe aonde, soterrada em algum túmulo anônimo. E por isso escolhi para si estes versos de notável apuro na forma e rítmico na melodia, do poeta Manuel Bandeira, intitulado INSCRIÇÃO: *aqui, sob esta pedra, onde o orvalho roreja,/repousa, embalsamado em óleos vegetais,/alo corpo de quem, como uma ave que adeja, /Dançava descuidosa, e hoje não dança mais.../Quem não a viu é bem provável que não veja/ Outro conjunto igual em partes naturais,/ Os véus tinham-lhe ciúme. Outras, tinham inveja,/ E ao fitá-la os varões tinham pasmos sensuais./ A morte a surpreendeu um dia que sonhava,/Ao pôr do sol, desceu entre sombras fiéis/ A terra, sobra a qual tão de leve pesava.../ Eram as suas mãos mais lindas sem anéis.../ Tinha os olhos azuis ... Era loura e dançava.../ Seu destino foi curto e bom...<sup>31</sup>. E a minha mãe e as minhas tias que tinham sangue indígena, nunca escutaram falar a palavra tecnologia e morriam de medo de assombração, me contavam de noite para me meterem medo, que índios eram bichos, porque lhes disseram que eles andavam nus, não sabiam rezar, não eram batizados, comiam carne crua de gente e quando morriam iam direto para o inferno. E minha mãe também sempre ralhava comigo por causa desse amor pela Nislene dizendo: “*vances precisa istudá na escola de Sinhá ô na do Paiaí**

<sup>30</sup> Edu Lobo/Capinam/Bethânia/Elis, *Pra dizer adeus*.

<sup>31</sup> Cf. BANDEIRA, Manuel. Inscrição. pp. 11-12. In: Estrela da Vida Inteira. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1966.

*vances num tein condissao de trabaiá de sustenta muié e fio vances ainda é muito mininus mode cumprometer seus corassoos vance i ela neim tirou ainda u sheiru do mijo i já fala in si casar si ainda us pai de vances fosse vivos vances podia cuntar cum a ajuda deles mais eles ta mortus i vances nun teim ninguem pra cuntar a nun ser cum a ajuda de deus nu anu qui teim chuva aqui*". Mas esquecer de Nislene nem nas noites passadas com aquela que fora, para todos da minha geração no Paiaíá, a *Dama de Ouro* das iniciações amorosa-sexuais, a falecida Sinhá Cornélia Bunda que sempre dizia: *agradeço viver nesta vida a João de Quinha*. E por isso, muitos de nós ainda hoje depositamos uma flor em seu túmulo e fazemos pela sua alma algum tipo de adoração. Passava-se o tempo, estava em São Paulo, e lá o frio aumentava. Passei então a aquecer-me nos cabelos vermelhos da Silvinha<sup>32</sup>. Conheci-a cursando o ginásial e o colegial — concluindo assim o meu segundo tempo de esperar — naquele mesmo curso de Madureza, cujas onze disciplinas incluía-se o latim, eram ministradas apenas pelo próprio Dr. Diniz, de uma cadeira de roda. Silvinha, judia linda, a verdadeira flor do *Jardim de Eden*; conversadora e convicta da sua ideologia política *libertário-comunista*. Mas não à moda do Partido Comunista Brasileiro (o Partidão), pois esse era por nós criticado pela sua ideologia *leninista-revisionista* e de Estado autoritário baseado, para nós, nos fundamentos teóricos de Engels que foram os que Lênin e seu grupo melhor apreenderam. Silvinha, que depois de namorada, tornou-se minha grande amiga e confidente, fora mandada por seus pais para trabalhar num Kibutz, em Israel. Lá chegando, discordou de tudo que vira, e por isso recebeu algumas torturas. Esculhambava assim os *judeus poderosos* que lhe proibiram de fazer política e defendia o povo pobre de Israel que morria na guerra para defender esses poderosos. E para contar essas coisas, escolhia o que para ela — e também para todos nós daquela geração — seria o nosso sonhado reino da liberdade. Um reino pequeno e aberto cheio de mesas, cadeiras, bebidas, comidas e uma televisão transmitindo o jogo do Santos com o Coríntians, que para a nossa decepção raramente tínhamos o prazer de cantar: *Salve o Coríntians! Campeão dos campeões, eternamente, dentro dos nossos corações...* (Hino do Coríntians). E o Coríntians por muito tempo perdeu do Santos e essas derrotas eram analisadas nas fervorosas discussões no nosso território livre: o *Rei da Batida* de seu Manuel e seu Abílio, na Avenida

---

<sup>32</sup>

Nome de guerra.

Valdemar Ferreira, ponto final do ônibus da *Cidade Universitária* da USP. Certamente passava pelos nossas vorazes imaginações, que o Santos fosse o time protegido pelo regime em vigência, pois nele jogava um *bípede ventríloquo e ruminante* que dizia ser contra as eleições diretas *porque o povo brasileiro não sabia votar*. O Corinthians era o contrário, era um clube popular com uma ala da sua torcida, a dos *Gaviões da Fiel*, liderada pela velha Elisa (in memoriam). E essa era a ala mais pobre do time, em sua maioria composta por rapazes nordestinos analfabetos e certamente *arruaceiros*, e por isso não saberiam escolher dirigentes *dignos* para a Nação, segundo os princípios do *bípedeventríloquo e ruminante santista*. Silvinha havia chegado de Jerusalém e nos contava a *farsa* da Democracia judaica. Falava e gesticulava bebendo o aperitivo da sua vida: batida de coco com vinho tinto seco *sangue de boi*, e preparada pelas mágicas mãos do Maurício Baiano que sempre fora por nós homenageado, pois considerávamos o maior mestre *interplanetário* na arte de *manipular batidas*. E ali era normal nas noites de terça, quarta, quinta, sexta e nas tardes de sábados e domingos, a Silvinha chegar para matar a saudade de todos nós, especialmente a minha, mas também a do mineiro Bilu que disputava com os paulistas Zé Américo, Claudão, Paulo Peixe, Gilmar, Tota e Maranhão e os paraenses Aurélio e Palmério, a conquista de todas as mulheres do mundo. De vez em quando por lá também passava o amigo Giba Felisberto, muito irônico e divertido, colega da Silvinha no mesmo curso de Sociologia, um dois anos mais adiantado. O Giba, nasceu em Santos, São Paulo, mas era filho de um médico baiano de Alagoinhas. O seu *menu* preferido era *cocada branca da boa*, preparada pela *Aninha* do acarajé do Porto da Barra de Salvador, Bahia. Criticava a esquerda festiva, o tropicalismo, a ditadura, o Corinthians (torcia para o Santos e Vitória), os poderosos, odiava o *Tio Patinhas* e defendia a ideologia do Curupira. Quando se aproximava da gente, em coro gritávamos: *salve o Giba folclore! Saaaalve!!!*. Ele nunca se sentava em nossas mesas, mas sempre perto do balcão e pedia uma coca-cola, um cigarro *Gonzaginha* de ervas medicinais aromáticas para asmático, e uma lingüiça assada no álcool pelo Abdias. Entre uma mordida na cocada branca, um gole de coca e uma tragada do *Gonzaguinha*, o Giba gritava bem alto: *Geraldo Alagoinhas, cabra da peste! Você deve voltar lá pró Sertão, incorporar o espírito de D. Sebastião e dizer que voltou para ser o rei, porque por trás daquele Monte Santo os cavalos comem fulô do mato e bebem leite*

*nas águas do rio*. Estas palavras ele havia decorado do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha. Esse cineasta era para todos nós o ídolo revolucionário do cinema brasileiro que um dia declarou que fazer cinema *era ter uma câmara na mão e uma idéia na cabeça*. Mas nós só tínhamos uma idéia na cabeça, não de fazer filme, mas sim, a Revolução. E deveria ser uma revolução diferente de todas as que existiram até então. Uma revolução, na qual as pessoas fossem todas iguais e não dependesse da existência de um partido, organização, seita ou qualquer outro instrumento que pudesse controlar a vontade humana. O homem tem que ser libertário e respeitar os seus pares. Mas essa doutrina libertária não se conseguiria por meio de guerra, mas de uma revolução permanente no campo das idéias, o que só poderia acontecer mediante a aplicação de um método pedagógico orgânica, fundamentado nos valores morais, intelectuais e psíquicosociais do próprio homem, e não nos interesses de partidos ou de qualquer um outro Aparelho de Estado. E o Giba dizia que isso era utopia e continuava nos chamando de pseudo-revolucionários. Ao se despedir sempre declamava esse trecho do filme *Terra em Transe*, também do Glauber: *“esse povo alquebrado,/ cujo sangue é sem vigor,/ esse povo precisa da morte,/ muito mais do que se possa suport./ A morte como fé, e não como terror”*<sup>33</sup>. Enquanto estudante, o Giba lecionava História num curso Pré-vestibular, em Santos, SP, mas depois que terminou o seu bacharelado em Ciências Sociais na USP, passou a lecionar na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/SP). Ainda na USP, terminou defendendo a sua tese de doutorado em Ciência Política com o tema: *A Ideologia Curupira*, cuja Banca Examinadora fora composta por alguns daqueles sociólogos *nossos ídolos* e críticos do regime militar e do populismo. Mas no dia da defesa, ele não convidou nenhum de nós nem para assisti-la, nem muito menos ainda, para à noite irmos à  *festa de arromba* na casa do seu então colega de FGV/SP, o ex-professor Luís Carlos Bresser Pereira, que gentilmente o recepcionou. Quem foi à festa, depois nos contou que participara, de fato, naquela noite, de uma  *festa de arromba*, com direito a banhos de piscina, bebidas de vários tipos (mais nacionais do que estrangeiras porque a noite era de comemoração da ideologia curupira) e da sobremesa, *pavê* de chocolate à francesa, doce de caju e licor de genipapo. Esse comprado das freiras de Olinda, Pernambuco, que também preparavam para o

seu xará e colega sociólogo Gilberto Feyre. Mas o que tinha mesmo com fartura era o seu *menu* predileto: cigarro *Gonzaginha*, *coca-cola* e *cocada branca da boa preparada na Bahia*, dessa vez não mais pela Aninha do Porto da Barra, mas pela velha e famosa *D. Júlia* do acarajé do Farol da Barra da Bahia. E o Giba que já tinha escrito bonitas e inteligentes crônicas na *imprensa nanica* brasileira de oposição (os jornais *Opinião* e *Movimento*) sobre Música Popular Brasileira, depois reunidas em seu livro *De Olho na Fresta*, não conhecia ainda Bezerra na Silva nem a sua música. Mas do jeito que o Giba gostava de MPB e de cocada branca da Bahia se já conhecesse o Bezerra, certamente teria convidado para cantar a música *Cocada boa*, pois estaria de acordo com aquele ambiente de discussão sobre a *Ideologia Curupira*. E essa ideologia, segundo Giba, era verdadeira porque demandava do povo e esse gosta de cultivar os seus hábitos, como o do consumo da cachaça e dos derivados de coco. O único brasileiro que passou a declarar em público não gostar nem de cocada branca da Bahia, nem de nenhuma comida que leve coco, é o Jô Soares. E assim, entre cocada boa da Bahia, batida de coco, *vagabundinha* e discussões sobre o passado, presente e futuro nos acalorávamos nas palavras da Silvinha, justificando o porquê de não aceitar ficar em Israel e voltar para o Brasil, pois aqui era a sua verdadeira Pátria, apesar da *Ditadura* Militar. Mas esse regime era apenas um fenômeno de momentos, como nos ensinavam alguns antigos sociólogos da USP, e menos duradouro — segundo as palavras da Silvinha que cursava sociologia nessa mesma Universidade do Giba — do que a *Democracia* da Pátria dos seus predecessores. Mas, para derrubar a ditadura, a única saída, *estratégica e legal* era a que fizeram Lênin, Mao Tsé-Tung e, principalmente, Fidel Castro e Guevara em Cuba e o General Giap no Vietnã do Norte, esses últimos, nossos ídolos *absolutos*. E assim nos encontrávamos quotidianamente naquele micro *reino livre e encantado* para namorar, discutir política, cinema, literatura, teatro e cultura clássica e popular, sem deixar de lado, embora sem entendermos quase nada de estética, a discussão sobre as pinturas de Anita Mafaldi, Di Cavalcanti e outros na Semana de Arte Moderna de São Paulo, de 1922. Quanto ao cinema, uns adoravam o cinema novo brasileiro, francês e italiano, outros o faroeste americano e ainda tinha os que defendiam a chanchada nacional. Dentre os cineastas, fora do Glauber, considerávamos o maior de todos, o diretor francês Jean-Luc Godard. Esse era detestado pelos

mais conservadores por causa dos seus filmes *Pierrot-le-fou* (traduzido para o português com o título *O Diabo do meio-dia* com Jean-Claude Belmont como ator principal), e *Masculin/feminin*. Em particular, por esse último, por causa da frase: *esse filme é filho de Marx com a Coca-cola*. E entre essas e outras discussões sobre amores, paixões e estratégia de guerra de guerrilha, cantávamos músicas do Adoniran Barbosa, Chico Buarque, Tom Jobim, Paulo Vanzolini, do *(re)volucionário movimento tropicalista baiano* e também o hino do Corinthians e *a Internacional Comunista*. Esta, em voz baixa porque o Maurício Baiano, seu Abílio e seu Manuel detestavam os versos: *de pé ou vítimas da fome, de pé escravo sem pão*. O hino do Corinthians, não! Esse, quanto mais alto, melhor. O Arlindão (in memoriam), bedel da FEA/USP, acompanhado pelo violão do *Físico* (Luís Fernando Ozanin), cantava uma única música de dois versos, que também foi a única que compôs: *roubaram o dinheiro do cego pra beber/ foi a melhor coisa que tinha pra se fazer*. Quando a Silvinha ameaçava ir embora, todos nós reagíamos cantando uma música de Adoniran Barbosa acompanhada pelo violão do *Físico*, o surdo do Claudão e a minha batida em caixa de fósforo: *Fica mais um pouco, amor, / eu ainda não dancei com você./ Somos quase vizinhos,/ fazemos o mesmo caminho,/ vem, me dá sua mão,/quando o baile acabar/ eu deixo você no seu cordão./ Você não pode ir, sem então poder me dá/ aquele beijo ao qual eu faço jus,/ espero você entrar,/ acender e apagar a luz/ abrir a janela a me dizer: boa noite Zé! Até amanhã se Deus quiser. Tá tudo legal!*<sup>34</sup> Palavras insepultas externavam as nossas imaginações revelando que a única alternativa possível para pôr fim a essa Ditadura seria mesmo a *luta-armada*. E porque sempre *Vale a pena sonhar* — e este é o título do emocionante livro do velho revolucionário *Apolônio de Carvalho* publicado recentemente — outra saída não havia, a não ser a *luta-armada*. E isso também aprendíamos nas conferências de alguns daqueles professores e sociólogos da USP que condenavam todo e qualquer tipo de regime burguês, principalmente o militar e o populista. Da mesma maneira que exaltávamos alguns dos nossos sociólogos, filósofos, historiadores e literatos preferidos, criticávamos ou mesmo condenávamos — às vezes sem muitas convicções em alguns aspectos — a mais recente teoria *reformista e burguesa* então em voga: a Teoria da Dependência. Considerávamos que essa teoria fora *remendada* de outras entre nós

consideradas obsoletas. Considerávamos também que era irreal, por se tratar de uma teoria criada por sociólogos e economistas de vários países e concebida no âmbito dos luxuosos escritórios da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), em Santiago do Chile, e que até hoje não se sabe qual foi o seu resultado concreto. Para os nossos *vorazes espíritos revolucionários*, essa teoria era, de fato, a mais reacionária e conservadora entre todas as demais que haviam sido formuladas até então, por *Príncipes da Sociologia e da Ciência Política rotulados* de esquerda. Criticávamos, sobretudo a sua concepção de tecnologia, pois, alguns de nós achávamos que era cópia fiel do que Marx tinha escrito em *O Capital*, e esta era a parte mais equivocada do pensamento desse nosso *pensador imortal*. Criticávamos também o conceito de dependência, por acreditarmos que esta existirá enquanto existir a relação de exploração capital *versus* trabalho humano. Advogávamos, então, que a dependência só se superaria à medida em que a luta de classe fosse sendo superada. E isto só se daria de fato, quando a *Classe operária verdadeiramente revolucionária*, como foram as de Cuba, China e Vietnã — só que nesses países nunca tiveram classes operárias — se desvencilhasse da ideologia *revisionista* e de Estado autoritário à moda soviética e seguida pelo Partido Comunista Brasileiro, o *Partidão*. Só, e exclusivamente nesse momento, é que as condições objetivas estariam dadas para que a *Classe operária verdadeiramente revolucionária, instituísse* um Estado e/ou sociedade também *verdadeiramente revolucionário-socialista e democrático*. E assim teríamos a *Ideologia da Revolução verdadeiramente permanente* e não *revisionista conservadora*, como era a soviética seguida pelo Partidão. Alguns levantavam a necessidade de se manter as religiões. Outros, eram totalmente contra e repetia sempre o velho *jargão* de Marx: *a religião é o ópio do povo!!!*. Portanto teremos de combatê-la custe lá o que custar. E assim construíamos em nossas vorazes imaginações, o que seria a perfeição de uma sociedade sem contradição. Uma sociedade sem a exploração do homem pelo homem, sem o mito de quaisquer religiões. Um Paraíso perfeito, porém diferente daquele que foi perdido por Adão, por não ter resistido a tentação do pecado original provocado por Eva, ao apenas morder a *maçã proibida* por ela oferecida. E assim imaginávamos que a maçã proibida da nossa utopia seria a burguesia e a sua mordida fatal, a luta revolucionária levada à frente pelas classes subalternas que tivessem, de fato, um espírito *verdadeiramente*

*socialista-revolucionário*. À medida que fosse superada, se criaria o verdadeiro Paraíso terrestre, e para se chegar a ele seria imprescindível passar pelo estágio daquela imaginada *luta verdadeiramente revolucionária*. Mas essa luta não poderia ser um luta apenas de vanguarda como fora em 1917, na Rússia, cuja *revolução* dependeu de *meia dúzia* de privilegiados nascidos no seio das classes médias ilustradas. Para se fazer essa luta verdadeiramente revolucionária, pensávamos todos, precisava-se primeiro dar *consciência revolucionária* à maioria absoluta da sociedade, sobretudo a classe operária e urbana. Quanto à questão camponesa, essa deveria ser tratada com singularidade, pois era mais difícil de se conscientizar. O que se precisaria fazer, seria transformar o campo em uma nova urbanização, uma coletividade urbana onde todos fossem donos dos seus meios de produção. Essa era a principal arma capaz de derrubar a ditadura e estabelecer a *real democracia*, pois esse era o sonho das historicamente classes subalternas excluídas dos privilégios do Modo de Produção capitalista. Assim, aquela *farsa* teórica *remendada* no Chile, não dava conta da *voracidade da nossa imaginada mudança de mundo*, e era por isso que defendíamos a guerrilha urbana ou rural, de acordo com a tendência ideológica de cada um dos membros daquele *reino livre e encantado* que o transformamos quase que em nossa residência coletiva. Era um reino que de certa maneira se assemelhava ao de Alice no *País do Espelho*, de Carrol, onde se caminhava, caminhava, caminhava e sempre se estava no mesmo lugar, e para se chegar ao outro lado do reino não adiantava caminhar mais do que sempre se caminha ou caminhou. Mesmo assim, da outra margem desse reino, alguns partiram em busca dessa liberdade e terminaram mortos nos porões do regime militar. Entre muitos desses, foi-se o irmão da Silvinha, o Ruivinho que deixara o curso de Física na USP, para lutar contra o regime militar. E assim sonhávamos nessas muitas noites paulistanas entre amores, amizades e *batidas de coco, abacaxi e maracujá, copos de cervejas, vagabundinhas* (cachaça Tatuzinho com limão, a preferida de Arlindão) e *samba* (coca-cola com cachaça), pela nossa *Democracia Transversal*. Para mim, ela vinha desde os tempos do Madureza, atravessou o do pré-vestibular, primeiro no *De Tulio* para medicina, na praça da Liberdade, 34, que na hora do vestibular na Faculdade de Medicina da USP, só consegui tirar nota acima de zero em História (6,0), Português (9,5) e Biologia (10,0). Em seguida foi a vez do pré-vestibular no *Cursinho* do *Grêmio* da antiga



*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP*, como o era assim chamado, na rua Martinico Prado, 16, e próximo do bar *Shop-Tesk* (?). Esse bar ficava na rua Imaculada Conceição (região da Avenida Angélica), embaixo da sede da conservadora e *reacionária* organização *Tradição, Família e Propriedade* (TFP) e em frente do Cursinho Equipe, então dissidente do Cursinho do Grêmio. No Cursinho do Grêmio, me preparava novamente para mais um vestibular, dessa vez em ciências humanas, nas quais fui aprovado, no primeiro lugar, no curso de Línguas Orientais (Português-Chinês), na USP, que concorri contra cinco vagas, pois foram oferecidas trinta para apenas seis candidatos inscritos. Imediatamente solicitei transferência para o curso de História, e foi aceita, e deste modo conheci a História *navegando pela via lingüística Ocidente-Oriente*. Feliz da vida, a primeira coisa que fiz, morando ainda naquele quarto da velha pensão em Osasco, foi escrever para a minha mãe, comunicando-lhe esse acontecimento, e por ela respondido naquela carta aqui transcrita. Entrei na Universidade para *concluir o meu terceiro tempo de esperar*, pois este era o que eu mais sonhava, fui demitido do emprego, coisa que eu menos desejava. Mesmo assim se concretizou este meu terceiro tempo de espera. Mudei da pensão do seu José e, deixando Osasco para trás, retornei novamente a São Paulo, dessa vez pelo CRUSP.<sup>35</sup> Era composto por sete blocos, do A ao G, de 5 andares com sete apartamentos de quarto, sala, cozinha e banheiro. Cada apartamento era destinado a três estudantes, mas às vezes residiam até cinco: três em condições legais e dois clandestinamente. Tinha piscina, raia olímpica, quadra de futebol e um centro de vivência com mesas de jogos, lanchonete, restaurante e uma livraria. Nos blocos A e D moravam as meninas, o F e G eram mistos, sendo que o F era somente para alunos da pós-graduação, e os demais masculinos. Mas entre todos, o mais visado pela repressão era o B, pois lá moravam a maioria dos líderes do movimento estudantil paulista daquela época. No bloco A, normalmente moravam as nossas colegas mais independentes e ativas politicamente. A maioria delas estudava ciências sociais, história, filosofia, nutrição, economia, física ou geologia. Já no bloco D, predominavam as estudantes de origem japonesa, em sua maioria, do interior de São Paulo e, de modo geral, cursavam pedagogia, letras, química, enfermagem, medicina ou engenharia. O CRUSP foi fechado quatro dias depois

---

<sup>35</sup> CRUSP: Conjunto Residencial da USP, nessa época em fase de conclusão no Campus do Butantã.

(17/12/1968) do *Ato Institucional Nº 5* que instituiu os anos *duros e sangrentos* do regime militar brasileiro e quase três meses depois do *malfadado* Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna, São Paulo. Nesse Congresso, todos os participantes conduzidos pela repressão do então regime militar, foram parar na Casa de Detenção da Avenida Tiradentes em São Paulo. Nessa prisão, receberam a solidariedade incondicional dos presos comuns, em especial a das prostitutas que delirantemente saíram em defesa daquelas jovens que estavam sendo presas sem cometer crime algum, mas sim, por lutarem, pacificamente e através das idéias, da inteligência e dos estudos, contra a violência militar no país. E disto, elas (prostitutas), conheciam melhor do que ninguém, porque essa era a sua realidade cotidiana. E por não ter outra forma de extravasar as suas iras contra essa verdade mórbida, aproveitavam aquela ocasião para extravasar os seus sentimentos de solidariedade humana. Quanto ao dia do fechamento do CRUSP, o Campus da USP parecia uma cena de filme de guerra. Tanques de guerra, Baterias antiaéreas, Cavalaria, Infantaria e demais forças policiais cercaram todo o CRUSP. Na véspera da invasão, fizemos uma assembléia no Centro de Vivência do CRUSP para discutir o que fazer com os tiros que vinham acontecendo desde o dia 13/12/68 — dia da promulgação do AI5 pela Junta Militar, em Brasília — que atingiram os blocos A, B e F. Prevíamos que alguma coisa boa não iria acontecer, pois, além disto, às vésperas da realização do Congresso de Ibiúna já tinha havido também uma ameaça de invasão *frustrada* pela Polícia Civil de São Paulo, cujo resultado foi a apreensão de dois policiais civis pelos estudantes que os mantiveram presos e com os olhos vendados, em apartamento do CRUSP, por apenas um dia e soltando-os à noite. Invasões semelhantes eram comuns, e este foi o principal motivo de se fazer a assembléia naquela noite, para se tomar uma decisão de como deveríamos reagir. Desse modo, foi votado na assembléia a proposta do *Nenezão*<sup>36</sup> ficar encarregado de observar e acionar o alarme (um velho megafone usado nas passeatas), sobre qualquer movimento de polícia em direção ao CRUSP, para que houvesse tempo de salvar as lideranças estudantis que lá moravam. A noite era de dezembro e fazia calor, por isso não tinha justificativa para ele não aceitar tal *missão revolucionária*, e mesmo que fosse fria, também seria uma

---

<sup>36</sup> O Nenezão era aluno do curso de Física, mas aparentemente sem nenhum vínculo ideológico orgânico com as diferentes organizações de esquerda, mas, ao seu modo específico, defendia a necessidade de se ter uma consciência revolucionária.

covardia negar essa missão, e se o negasse, poderia se caracterizar uma falsa consciência revolucionária. Mandaram-no que ficasse no quinto andar da estrutura de um dos prédios que estava em construção. O *Nenezão* foi para lá e, para se aquecer do pouco frio que fazia naquela madrugada escura de 16 para 17 de dezembro de 1968, levou duas garrafas de cachaça *Tatuzinho* que era a que ele mais gostava de beber. Como até às três horas da manhã estava tudo normal, ele resolveu beber uma garrafa inteira, o que o fez adormecer no local até mais ou menos às dez horas da manhã daquele 17 de dezembro. Ao acordar, viu a Cidade Universitária totalmente tomada pelas forças policiais. Com medo de descer e ser preso, resolveu beber a outra garrafa e ali adormeceu até o segundo dia consecutivo da ocupação (18/12), quando tudo já estava mais calmo e só tinha por ali alguns *recos* vigiando o local. E nessa operação policial, mais de setecentos estudantes que moravam lá no CRUSP, foram presos pela repressão, enquanto a cachaça salvou o *Nenezão*. Quem estava comandando a repressão era um tal de coronel Alvim, da polícia militar de São Paulo. Esse coronel fazia o curso de História lá na USP, tinha um porte de caudilho latino-americano e foi proibido pela direção do Centro Acadêmico de História de freqüentá-lo. Além disso, quando passávamos em sua frente provocávamos dizendo: *já fez a sua tortura hoje? Ou então: lugar de milico torturador é no quartel e não na Universidade*. Esse coronel morria de raiva dos estudantes e, no dia do fechamento do CRUSP, ele procurou se vingar. Na manhã dessa invasão, o Conselho Universitário fez uma reunião extraordinária, da qual participaram todos os professores titulares da USP e mais o representante dos alunos. Alguns desses professores — que uns dias antes haviam se desligado das suas atividades na CEPAL, em Santiago do Chile — estavam tratando da retomada das suas atividades acadêmicas na USP, não chegando nem mesmo a retomá-las de fato, porque foram surpreendidos com as suas aposentadorias compulsórias pelo próprio AI5. De repente, a reunião foi interrompida por causa de um forte chute na porta. Era o coronel Alvim que, *decepcionado e irado* com o que vira no CRUSP, resolveu levar ao conhecimento do Magnífico Reitor, o professor Hélio Guerra. Não se tratava de armas, nem mesmo de um estilingue, nem de bombas incendiárias ou mesmo de tóxico, pois nada disso ele tinha encontrado por lá, a não ser dois coquetéis molotov totalmente desativados e algumas garrafas vazias, em sua maioria de *Tatuzinho* ou de vinho *Sangue de Boi e São Roque*. A sua grande decepção,

que se transformou em revolta, foi ter encontrado no Apto. 101, do bloco A, onde morava a *Lunpen*<sup>37</sup> da ala vermelha do PC do B, e que hospedara a Erô<sup>38</sup> — recém chegada da Paraíba e tinha a mesma missão revolucionária que a nossa — uma cartela de anticoncepcional dentro do *Livro Vermelho do Mao-tsé Tung*. Mas a revolta dele não era também por causa do livro, pois certamente nem deveria saber do que se tratava, mas sim, por causa dos anticoncepcionais. Perplexo, e ao mesmo tempo raivoso com o que encontrara, jogou a cartela sobre a mesa da reunião e disse: *tá vendo aí Senhor Reitor e senhores professores o que encontrei lá com aqueles perigosos comunistas! Escutem em silêncio, senhores, e depois me digam se eu não estou certo no que vou dizer: essa Universidade está cheia de prostitutas!!!* A única reação entre os presentes foi a do professor Paulo Duarte, arqueólogo internacionalmente famoso — articulista do jornal *O Estado de S. Paulo*, fundador do Museu de Arqueologia da USP e pesquisador-membro do Museu do Homem de Paris — que não dispensava uma gravata borboleta e um terno azul-marinho de casimira e já tinha experimentado o exílio na época do *Estado Novo de Getúlio*. O professor arrumou a gravata, preparou a garganta, olhou firme para o coronel e perguntou-lhe: *o senhor reparou bem se a sua mãe estava no meio?* Aí começou mais uma confusão e o professor saiu dali preso por desacato à autoridade e, logo em seguida foi cassado e mudou-se para Paris. Esta história do coronel Alvim foi narrada pelo representante dos estudantes que participou da reunião do Conselho Universitário e que também era freqüentador assíduo das nossas, no Rei das Batidas. E nessa época eu trabalhava na gráfica do Cursinho do Grêmio imprimindo apostilas e a revista *Revisão* do grupo *Política Operária* (POLOP). Mas o referido Cursinho teve vida curta e aflita, pois era uma espécie de extensão dos debates que aconteciam naquela Faculdade, naqueles tempos vividos de novo regime *instituído* no Brasil com o golpe militar de 1º de abril de 1964. E por ser causa dessa extensão, o Cursinho causava *nojo* ao regime militar que o exterminou via governo de São Paulo, o civil e banqueiro Olavo Setúbal — filho do então maior poeta caipira paulista, Paulo Setúbal — nomeado pelo Presidente-General Médici, em 1971. E assim foi oficialmente *censurado e purificado* para sediar aquela conservadora, reacionária e *agitadora* TFP, então liderada por

---

<sup>37</sup> Gozação pela maneira de sempre está vestindo roupas velhas de revolucionários, como assim se dizia na época.

<sup>38</sup> Nome de guerra

um tal Plínio Correia de Oliveira que alistava somente rapazes adolescentes, robustos e castos, em sua maioria filhos de famílias da alta classe média dos nobres bairros dos *jardins paulistas* para combaterem o comunismo, pois esse era (sic) astúcia do Satanás para conduzir ao inferno as boas e ingênuas almas que deveriam ter as suas moradas no Céu. E assim tem-se um Brasil do tempo da euforia do *Milagre econômico*, da *industrialização do Nordeste*, da *Transamazônica*, da *Ponte Rio Niterói*, dos primeiros *Shopping centers*, da *instalação dos primeiros computadores*, enfim, da passagem do arcaico ao *reino da modernidade*. E assim se passaram mais 1825 noites e dias nesse *compasso de espera*, da rua Antônio Agu, em Osasco, à Maria Antônia no centro velho de São Paulo e ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), no Campus do Butantã. Por fim, terminei me bacharelado, em julho de 1973, em História pela Universidade de São Paulo. Aí concluí a terceira parte do meu *tempo de esperar* e iniciei a seguinte na condição de professor *a título precário* da rede oficial de ensino paulista e de professor substituto nas Faculdades de Filosofia *Auxilium de Lins, São Paulo; de Filosofia de Registro, São Paulo e Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Capital*. Neste ritmo passaram-se mais alguns anos aguardando para chegar a mestre, o que se deu em plena euforia da campanha da *Diretas Já*, em 23 de agosto de 1983. Aí coleí grau em *Desenvolvimento Agrícola*, pelo Centro de Pós-graduação em Desenvolvimento Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), concluindo os créditos nos permeios das festas, campanhas políticas, boemia — leituras e amores nas noites de lua entre o Posto Nove e nas pedras do Arpoador — no Horto Florestal do Rio de Janeiro e a defesa da Dissertação no Campus da Seropédica, neste mesmo Estado. Esta foi a quarta parte do *tempo de esperar, de desejar ser*, deixando para trás das experiências de faxinas e linha de montagem e das aulas da rede oficial de ensino as das faculdades paulista. Passa-se assim a desejar o quinto tempo de ser com novas experiências profissionais. Estas cobraram mais das minhas células neuronais e teve como marco inicial a função de pesquisador associado contratado por prestação de serviços durante dois anos na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Em seguida, vieram os dezenove anos no CNPq — um ano em Brasília, quatro em Recife e quatorze no Rio de Janeiro —; os artigos, congressos, feiras e seminários científicos às aulas e orientações acadêmicas

no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (convênio CNPq/IBICT—ECO/UFRJ). E semeando as *minhas sentenças*, aos poucos vava ser, porque “(...) o maior apetite do homem é desejar ser. Se os olhos vêem com amor o que é, tem ser”.<sup>39</sup> Mas “(...) esperar, era o poder meu; do que eu vinha em cata. E eu não percebia nada. Isto é, que mesmo no escuro, tudo devia de parar por lá, com o estado e o aspecto. (...). Não. Nada. O que a noite tem é o vazio dum ser-só — que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo-cachoro tão arranhão. E que termina num queixume borbulhado tremido, de passarinho ninhante mal-acordado dum totalzinho sono. (...) Como é possível se estar, desarmado de si, entregue ao que outro queira fazer (...) Nos começos, aquilo bem que achei esquipático [singular]. Mas, com o seguinte, vim aceitando esse regime, por justo, normal, assim. E fui vendo que aos poucos eu entrava numa alegria estrita, contente com o viver, mas apressadamente. A dizer, eu não me afoitei logo de crer nessa alegria direito, como que o trivial da tristeza pudesse retornar. Ah, voltou não; por oras...”<sup>40</sup>

“(...) escreva sua história na areia da praia/ para que as ondas a levem através dos 7 mares/até tornar-se lenda na boca de estrelas cadentes./ Conte sua história ao vento/ conte-a nos bares para os rudes marujos/ aqueles cujos olhos são faróis sujos, sem brilho./ Escreva no asfalto, com sangue,/ grite bem alto a sua história/ antes que ela seja varrida na manhã pelos/ garis./ Abra o peito na direção dos canhões!/ Suba nos tanques de Pequim!/ Destrua as catedrais de Paris!/ Defenda sua palavra./ A vida não vale nada/ se você não tem uma boa história para contar”.<sup>41</sup> Enquanto eu emendo estes fragmentos de textos na tela de um computador “(...) está-se ouvindo. Escura a voz, imesclada, amolecida; modula-se, porém, vibrando com insultos harmônicos, no ele falar...”<sup>42</sup> que “(...) não pertencemos ao número dos estadistas que olham só para o presente das nações; professamos outra fé: estudamos o passado que é sempre bom guia para o futuro”<sup>43</sup> e também para se libertar daquela visão européia renascentista de que “(...) os brasileiros não são cristãos, porém, tampouco são idólatras, porque não adoram nada. O instinto natural é a única lei. Sua longevidade — Vivem muito tempo. Os mais velhos chegam

---

<sup>39</sup> Cf. Padre Antônio Vieira, em *Paixões humanas*, apud Manuel de Barros em *Livro sobre NADA*).

<sup>40</sup> Cf. Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*, pp. 319-321.

<sup>41</sup> Cf. Cláudio Rodrigues. In: *Poemas para flauta & vértebra*.

<sup>42</sup> Cf. Guimarães Rosa, *Tutaméia*.

<sup>43</sup> Cf. Machado de Assis, *Crônica II*, 1927, p. 385.

ordinariamente até os centos e vinte e cinco anos e algumas vezes até os cento e quarenta. Seus costumes — andam completamente nus, tanto os homens como as mulheres. (...) Ao vê-los tão negros, completamente desnudados, sujos e sem pelos, tínhamos a impressão de estar diante de marinheiros da Lagoa Estige”<sup>44/45</sup>. Mas “(...) essa opinião é nova, e como tal engano manifesto; porque quem vos amostrára, ha hoje trezentos annos (...) se vos fosse mostrado um pedaço de panno velho de linho, e vos affirmassem que daquelle panno se havia de fazer o papel, em que escrevemos, quem duvida que o terieis por zombaria. E da mesma maneira, se vos puzessem diante um pouco de salitre, enxofre e carvão, com vos jurarem que daquelles materiaes se havia de compor uma cousa que, chegada ao fogo, derrubasse muros e fortalezas, e matasse homens de muito longe, não me fica duvida que, quanto mais vo-lo affirmassem, menos o creríeis; porque haveis de saber que os primeiros inventores das cousas as acharam toscamente com um principio mal limado, e depois os que lhes succederam as foram apurando, até as porem no estado de perfeição em que hoje as vemos”<sup>46</sup> Mas só vemos de fato essa perfeição, a partir do momento em que “(...) nos afastamos da idéia de destruição, desejamos ancestralmente lembrar e falar de nossa modernidade indígena. De início, guardamos uma sensação profunda, e aparentemente inexplicável, de que as estruturas familiares indígenas, na América, envolviam maior proximidade e cuidados entre adultos e crianças. Uma percepção que nos levou, e nos leva, a conceber o mundo arcaico, atrasado, com um certo sabor nostálgico, fazendo-se acompanhar por uma recusa, por ventura inconsciente, das sociedades modernas”<sup>47</sup>. E essas se formaram “(...) em um mundo no qual a técnica exige do homem o máximo, esse máximo só pode ser alcançado, mantido e às vezes ultrapassado por uma vontade firme e sempre tensa. Ora, o homem naturalmente não tem essa vontade. Não está de modo algum pronto para esse sublime e, se por sua natureza, a ele chega às vezes, sabemos bem que a exaltação do sacrifício dura apenas alguns instantes. Já absolutamente necessário que isso se prolongue. Logo, é preciso

---

<sup>44</sup> “Rio que contornava sete vezes os Infernos e cujas águas tornavam invulnerável quem nelas se banhasse. Tétis, mãe de Aquiles mergulhou no Estige o jovem herói, segurando-o por um calcanhar, único onde mais tarde pôde ser ferido”. (Cf. Koogan/Houais, 1993, verbete Estige, p. 1162)

<sup>45</sup> Cf. Pigaffeta. Primeira Viagem ao Redor do Mundo. Diário da Expedição de Fernão de Magalhães.

<sup>46</sup> Cf. Brandão. Diálogos das Grandezas do Brasil, p. 39.

<sup>47</sup> Cf. Janice Teodoro, América Barroca, p. 19.

*criar artificialmente condições psicológicas tais que o homem possa dar seu o maximum na guerra ou no trabalho, não ceda ao acabrunhamento, ao desencorajamento em face das terríveis condições de vida em que se encontra em consequência da técnica*".<sup>48</sup> E é em razão dessa consequência técnica que "(...) o homem da Lua está ficando mais jovem a cada ano que passa. Seu relógio sabe exatamente o que o tempo está fazendo com você: tsk, tsk, tsk, diz ele, a cada segundo de todo dia. A cada manhã deixamos mais na cama, mais de nós, à medida que nossos corpos vão fazendo seus preparativos para a reunião com o cosmos. Cuidado com o crítico idoso, e seus cabelos de serragem de piso de bar. Cuidado com a freira, e as fivelas de feiticeira de seus sapatos pretos. Cuidado com o homem na cabine telefônica, com sua mala: este homem é você. A serra circular geme, chorando por sua mamãe serra. E aí vem a informação, que não é nada, e chega à noite"<sup>49</sup> e faz me lembrar da minha história que se parece também com a MINHA HISTÓRIA cantada por Raimundo Evangelista e João do Vale, dos seus tempos de criança em São Luís do Maranhão "(...) vendia pirulito/ arroz doce, mungunzá./ Enquanto eu ia vender doce/meus colegas iam estudar/a minha mãe tão pobrezinha/não podia me educar/e quando era noitinha/a meninada ia brincar/vige como eu tenha inveja/ de ver Zezinho contar: o professor ralhou comigo/porque eu não quis estudar. (...) Mas o negócio não é bem eu/ é Mané, Pedro e Romão/ que também foram meus colegas/ e ficaram no sertão/ não puderam estudar/ e nem sabem..." com eu continuei pensando que o "(...) meu duvidar é da realidade sensível aparente – talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. Deveres de fundamento a vida, empírico modo, ensina: disciplina e paciência. Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre. Meu mestre foi, em certo sentido..."<sup>50</sup> o Tio Quinha que não conhecia livros, a não ser o da 'razão' que continha em sua mente o resumo das contas lançadas no diário da contabilidade do seu pequeno armazém. Entusiasmava-se também com alguns livros de literatura de cordel para ler, cantarolando, à noite, com os seus parentes e amigos, à luz do candeeiro ou do "**petromax**",<sup>51</sup> sentado no balcão do seu armazém, as histórias de amor e de aventuras de *Pedro Malazartes*, *João Grilo*, o *Pavão*

---

<sup>48</sup> Jacques Ellu. *A Técnica e o Desafio do Século*, p. 328.

<sup>49</sup> Cf. Martin Amis. *A Informação*, p. 490.

<sup>50</sup> Cf. Guimarães Rosa, *Tutaméia*, p. 148.

<sup>51</sup> Um tipo de lâmpada a queresone ou a carbureto que dava uma luz ligeiramente semelhante à de uma lâmpada fluorescente.



misterioso, o *Boi encantado*, a *Bufa da Teresa*, o *Mundo de perna prá riba*, o romance-aventura de amor entre *Mariquinha* e *José de Souza Leão*, a *Chegada de Lampião no Inferno* e as *Profecias do Padre Cícero Romão de Juazeiro*. E esse pregava a profecia que um dia “(...) *Há de vir uma mulher,/ Como ela não há mais rica,/ Amontada numa besta,/ Como a profecia indica,/ Toda coberta de ouro.../ Quem se iludir com o tesouro/ Da parte da besta fica!*”<sup>52</sup> A erudição do tio Quinha antecipava no campo do prazer da leitura *cantarolada*, a de Deleuze ao dizer que “(...) *as boas maneiras de ler hoje, é chegar a tratar um livro como se escuta um disco, como se olha um filme ou um programa de televisão, como se é tocado por uma canção: todo tratamento do livro que exigisse um respeito, uma atenção de outra espécie, vem de uma outra era e condena definitivamente o livro. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam. “Pop” filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar.*”<sup>53</sup>. E nem há nada para saber se “(...) *eu sou como eu sou/ pronome/ pessoal intransferível/ do homem que iniciei/ na medida do impossível/ Eu sou como eu sou/ agora/ sem grandes segredos dantes/ sem novos secretos dentes/ nesta hora/ eu sou como eu sou./ Presente/ desferrolhado indecente/ feito um pedaço de mim./Eu sou como eu sou/ vidente/ e vivo tranqüilamente/ todas as horas do fim.*”<sup>54</sup> E uma dessas horas do fim pode estar nesta colagem de fragmentos de textos que aparecem em itálico, com a referência de autor, título, data e página no final de cada citação. E pelas poucas palavras por mim aqui escritas, entrelacei-as a outras para produzir uma *MENSAGEM* no estilo de uma *Ata de reunião parlamentar*, onde todos falam ao mesmo tempo e no fim não se conclui nada, mas fica tudo registrado em letras *Arial*, tamanho 12 e em espaço simples. Por assim ser, este texto terá apenas um grande parágrafo inicial e um pequeno destinado à rubrica. E entre os vários fragmentos aqui entrelaçados, inclui-se ainda uma outra *MENSAGEM*, esta do Fernando Pessoa que trata do ritual, do símbolo (*Benedictus Dominus Deus noster que dedit nobis signum*). E ele diz, e eu confio no seu dito, que “(...) *O entendimento dos símbolos e dos rituais (...) simbólicos exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem*

<sup>52</sup> Cf. Leonardo Mota, 1976, p. 65.

<sup>53</sup> Cf. Deleuze, *Lógica do Sentido*, 1977, p. 10.

<sup>54</sup> Cf. Torquato Neto, *Últimos dias de Paupéria*, 1982, p. 98.

as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele, um morto para eles.. A primeira é a simpatia: não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada - todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar. A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja. A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutra nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, tudo é o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição não a tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado. A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outras simbólicas, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes. A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.<sup>55</sup> E falar e escrever talvez seja a melhor maneira de sentir que se “(...) cumprem o inexplicável”<sup>56</sup> porque “(...) a gente é cria de frase”<sup>57</sup> e por isso “(...) uma palavra mente, com a mesma palavra se diz a verdade, não somos o que dizemos, somos o crédito que nos dão”.<sup>58</sup> Mesmo assim, não posso negar que “(...) sou feito de palavras. Palavras lidas. Palavras faladas. Palavras ouvidas. Não há lembrança minha de minha vida vivida que não me venha palavra envolta palavra. (...) Às vezes em verso, como você terá

---

<sup>55</sup> Cf. Fernando Pessoa, Mensagem, 1996, pp. 5–9.

<sup>56</sup> Cf. Guimarães Rosa, Tutaméia, p. 156.

<sup>57</sup> Cf. Manuel de Barros, Gramática expositiva do chão, p. 211.

<sup>58</sup> Cf. Saramago, O ano da morte de Ricardo Reis, 1989, p. 327.

*notado. Sou como esses velhos que falam repetindo aforismo. Eu repito verso. (...) Antes de ler, eu já me encontrava com a magia da palavra. As estórias que contavam no Mangueiral – lá havia velhas que recitavam imensos romances por dias e dias – seus causos, se depositaram em mim”.<sup>59</sup> E o meu pai, os meus tios Doguê, Tonhê, Quinha, Quina, Antônia e Das Neves; seu João Gandu, dona Ana de Luís Preto da Lagoa, Zé Libório, o meu irmão José, os primos Ioiô, Galego, Joaquim, Demétrio, a prima Maria e minha irmã e madrinha Sinhá muitas dessas histórias também me contaram e “(...) estão aí na minha lembrança, fazendo a primeira camada geológica do meu espírito. O imaginário também entrou cedo em minha vida com os casos de assombração e de milagres que me encantavam e (...) esses dizeres antigos e os que se superpuseram, falados, lidos, abriram em mim o espaço em que cavalgo meus cavalos de sonho, navego por meus mares nunca dante, amo meus amores impossíveis. Isto fiz a vida inteira. Maginar, divinar”.<sup>60</sup> E nesse divinar se constrói e se dissolve a esperança do tempo de esperar ainda hoje pelos meus muitos e variados amores. E assim se passou e se passa o tempo do porvir, do esperar por algo que um dia com certeza irá chegar. E porque “(...) Hoje é sábado e é feito do mais puro ar, apenas ar. Falo-te com exercício profundo, e pinto como exercício profundo de mim. Eu quero agora escrever? Quero alguma coisa tranqüila e sem modas. Alguma coisa como a lembrança de um monumento alto que parece mais alto porque é lembrança. Mas quero de passagem ter realmente tocado no monumento. Vou parar porque é Sábado. Continua Sábado. Aquilo que ainda vai ser depois – é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação eu nasço. E eis de que depois de uma tarde de ‘quem sou eu’ e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero – eis que às três horas da madrugada acordei e me encantei. Fui ao encontro de mim. Calmo, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar. O que te escrevo é um ‘isto’. Não vai parar: continua. Olha para mim e me ama. Não, tu olhas para ti e te amas. É o que está certo. O que te escrevo continua e estou enfeitiçado”<sup>61</sup> pela minha tese de doutorado em Desenvolvimento Agrícola, também pelo Centro de Pós-graduação em Desenvolvimento Agrícola da UFRRJ. Uma tese que foi escrita em um novo tempo totalmente diferente do da Ditadura ou das Diretas Já. Um*

---

<sup>59</sup> Cf. Darcy Ribeiro, Migo, p. 126.

<sup>60</sup> Cf. Darcy Ribeiro, idem.

<sup>61</sup> Cf. Clarice Lispector, Água Viva, p. 101.

tempo de mudanças e não mais um tempo de astronauta comunista no céu dizendo que a *Terra é azul*. Nem de Brasil de Leila Diniz, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Carlinhos Lyra, Chico Buarque, Baden e outros mais. Nem o de Brasil protesto de a *Banda, o Dia vai chegar, Disparada* ou *Caminhando e cantando, e seguindo a lição. Não mais de Brasil* Bossa Nova, dos *Samba da Benção, Garota de Ipanema, Corcovado, Soneto da Mulher Amada, da Separação*, nem o da *top-less* Verônica, a nova musa, a sucessora da Leila, no Posto 9 e Arpoador. Ainda um resto de tempo de Brasil do cinema novo de Glauber Rocha, Anecy Rocha, Joel Barcelos e tantos outros. Tempo de vivência e paixões no Paiaíá, Santos, Pariquerá-Açú, São Paulo, Olinda, Copenhague, Salvador e Rio de Janeiro. Um Brasil que passou pelo tempo de Nislene, França, Esmeraldina, Isabel e Silvinha; Kasuko, Teresa, Rita e Tine; Cristina, Mônica, Lídia e Rosalina, e quero sempre me *embolar* nos nomes dessas treze meninas. Mas não posso imaginar que isto ainda seja possível num tempo de milagre econômico, de edifícios verticais, de Brasil nunca antes existido, de salário *congelado*, de Estado *liquidado* e de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em fase de *transmutação*. Tempo dum Brasil de *varões previdentes* e de infinitas vidas *indigentes*. De crises econômicas, assalto, fome e corrupção, mas isso jamais foram novidades em um país *jovem de curta vida*, de apenas *500 anos de existência*. Um tempo de Brasil de Chico *barriga* (Chico dos Anjos), que os anjos do céu o recebam dizendo: vem Chico, contar aquelas histórias de quando você era menino roubar mangas escondido do seu pai, nos jardins do Palácio do Catete, sem que ele ali trabalhando percebesse. Chico generoso, alegre e *tristemente* falecido recentemente em Brasília, cujos risos misturados com os gemidos da agonia da morte, certamente eram lembrando dos *botecos* populares da Glória e Catete. Chico, que ao nascer um *anjo torto*, o seu pai lhe disse: *vai meu filho, ser gauche na vida e sacramentado por Carlos Drummond de Andrade!*. Tempo da capital do Brasil se transferindo do Rio de Janeiro para Brasília. Tempos da industrialização, dos retirantes nordestinos viajando em *paus-de-arara* escutando e cantando os baiões de Luiz Gonzaga, Gordurinha, Jackson do Pandeiro e João do Vale que ainda não tinha composto *Carcará que lá no sertão, é um bicho que (...) pega, mata e come!*<sup>62</sup> Um tempo de transição ou transmutação para um Brasil dos *supersônicos*, de capital financeiros, de

bancos de dados, Internet, *bibliotecas virtuais* e Sociedade da Informação. Das doenças de Chagas, câncer, AIDS, crimes passionais, de elevadas estatísticas de mortes *acidentais*, de baiano presidente do Senado Federal. Brasil-*democrático* de voto eletrônico e discussão parlamentar transmitida pela televisão. Este não é mais um país *canibal*, nem *populista*, nem de *regime de exceção*. Não se escreve mais o Brasil com Z, mas com S dos *sem: terra, teto, escola, emprego, vintém*. Não é mais tempo de Brasil da esquerda *festiva* de *Quando as máquina param* (Plínio Marcos), ou dos festivais da Record. De cantar: “(..) *segue nesta marcha triste, vai o nordestino/ seu caminho aflito/ pra querer lutar/ pelo o que é seu. (...) Mas o dia vai chegar,/ e gente vai se ver, não se vive sem se dá./ Quem trabalha é quem tem,/ direito de viver,/ pois a terra é de ninguém*”.<sup>63</sup> Também não é mais tempo pra deixar que (...) *risque,/ meu nome do teu caderno/ pois, já não suporto o inferno/ do nosso amor fracassado./ Deixe, que siga novos caminhos/ e, busca doutros carinhos/ o nosso amor fracassado./ Mas, se algum dia talvez, a saudade apertar/ não se pertube, afogue a saudade/ num copo de bar./Deixe, tudo que esmera espuma/ é com a brancura esteira/ que se desmancha na areia*.<sup>64</sup> Tempo também de chorinhos, sambas, valsas, tangos e samba-canção ou de dizer: *Brasil, ame-o ou deixe-o*. Esse sim, era um tempo de Brasil de *Tradição, Família e Propriedade*, mas passou a ser um tempo de Brasil de *Igreja Universal do Reino de Deus*. Brasil-*progresso* de programas de TV: Gugu, Ratinho, Leão, Fantasia e *Trapalhões*; de fronteiras entre o Mercosul e o Banco Mundial, entre os shoppings-centers e hiper-mercados e sem armazéns. De *axé music, música country, mangue-beat e forró-rock and roll no sertão*. De Real estável, de Real inflação, de Brasil da globalização. Tempo de Brasil que jamais passava pela imaginação de nenhum daqueles membros do *nosso reino encantado Rei das Batidas*, que reunisse todas essas qualidades e mais aquelas que estão nos hinos nacionais: no Brasileiro e no do Carlos Drummond de Andrade. Tempo de Brasil que nem a Silvinha, nem nenhum de nós pensávamos que jamais naquela USP onde estudávamos, fosse possível formar geógrafos, historiadores, advogados, economista, sociólogos, engenheiros, físicos, filósofos e demais intelectuais para transformá-los em políticos profissionais. Em *revolucionários*... sim! E a Silvinha morria de medo

---

<sup>63</sup> Paulo e Marcus Sérgio Valle/Elis Regina: Terra de ninguém.

<sup>64</sup> Ari Barroso/Dalva de Oliveira, Deixe.

que no Brasil pudesse vir a ter uma *democracia* igual a que ela vira e sentira nas terras dos seus ancestrais. E assim se passaram os tempos de Brasil: das tropas, boiadas e carros de bois nas estradas empoeiradas e/ou lamacentas ligando Paiaíá ao Seremão ao Brasil da Informação. Tempos de Brasil de amores passados e alguns poucos ainda presentes, e de desamores freqüentes. Um tempo de final de milênio. Tempo de *limiar*, mas parece ter chegado o tempo de colher aqueles desejos semeados na cozinha de Ioiô e Odelita, naquele tempo de desejar. Desejos de esperar por essa Tese, teimosia de um (re)tirante *semear sentenças e prudências em quadras*, por todo esse tempo, que jamais saíram de mim aquelas palavras da minha mãe: *pensava qui istória se cuntava e num precisava ser doutor pra si cuntá istoria mais istou felis pruque vance istar feliz*. E assim, “(...) *Para quem pediu sempre tão pouco, o nada é positivamente um exagero*”<sup>65</sup>, e o todo é essa tese de doutorado que foi a quinta parte do meu tempo de esperar.

Glória, Rio de Janeiro, 02 de Janeiro de 1999.

Comecei a juntar estes fragmentos depois das águas das flores de Yemanjá ter molhado eu e a Nazinha, ontem de madrugada, com o barulho do mar, luzes de fogos de artifícios na Avenida Atlântica, e depois entre amigos na casa da Graça bebíamos, comíamos, comemorávamos e cantávamos, não mais *Caminhando e cantando, e seguindo a lição ...* nem o hino do Corinthians, nem a Internacional comunista, mas também não se escutava o cantar do galo. E hoje, depois de tomar o terceiro copo de vinho português *Dão Tempos Modernos*, dar ração para a velha gata Mimi e montar esta MENSAGEM, comecei a sentir que está se aproximando a hora da *quinta fase* do tempo de esperar, que a minha mãe se sentia feliz por isso, porque eu estava feliz. E feliz “(...) *Sozinho no monumento dos séculos/ Consulto meu cérebro/ Eu sou tudo que foi, que é e que será./ Da minha cabeça a vida sai armada/ Todas as coisas pensam em mim por mim contra mim/ Meus olhos convergem para todas as coisas/ Que de todos os lados convergem para mim./ Personagem de enigma/ Assisto às idades desfilarem/ bebo a vida e a morte ao mesmo tempo/ Personagens de enigma/ Sou eu que segura a água a terra o fogo e o ar/ Julgando tudo e todos eu me julgarei*”.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Cf. José Paulo Paes. Folha de São Paulo, 18/10/98, Caderno MAIS, p 5-9.

<sup>66</sup> Cf. Murilo Mendes, Pirâmide, 1994, p. 265.